

VOLUME 2 DA SÉRIE
O DOADOR DE MEMÓRIAS

MAIS DE 12 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS



A ESCOLHIDA
Lois Lowry





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

1

– Mãe?

Não houve resposta. Ela não esperava que houvesse. Fazia quatro dias que sua mãe estava morta e Kira percebia que os últimos resquícios do seu espírito já se dissipavam.

– Mãe? – repetiu ela, baixinho, para o que quer que estivesse partindo.

Achava que conseguia senti-lo ir, como é possível sentir o leve sussurrar de uma brisa noturna.

Agora ela estava completamente sozinha. Kira experimentou a solidão, a incerteza e um grande pesar.

Aquela tinha sido sua mãe, a mulher afetuosa e cheia de vida que se chamava Katrina. Então, após uma doença breve e inesperada, se tornara o corpo de Katrina, ainda contendo o espírito relutante. Depois de quatro crepúsculos e quatro alvoradas, o espírito também partiu. Agora, restava apenas a carne. Coveiros viriam para jogar uma camada de terra sobre o cadáver, mas ainda assim ele seria devorado pelas criaturas escavadoras e famintas que apareciam à noite. Os ossos se espalhariam, apodreceriam e se esfacelariam, tornando-se parte da terra.

Kira enxugou rapidamente os olhos, que haviam se enchido de lágrimas de repente. Amava a mãe e sentiria muita falta dela, mas precisava ir embora. Fincou o cajado no solo macio, apoiou-se nele e se levantou.

Olhou ao redor, indecisa. Ainda era jovem e não tivera nenhuma experiência com a morte, não em sua pequena família composta apenas de mãe e filha. É claro que já vira outros cumprirem os rituais. Podia ver alguns agora, no amplo e malcheiroso Campo da Partida, reunidos em volta dos entes queridos, cuidando dos espíritos relutantes. Ela sabia que uma mulher chamada Helena estava ali, velando o espírito do seu bebê, que havia nascido prematuro. Helena tinha chegado ao Campo apenas no dia anterior. Não era necessária uma vigília de quatro dias para os bebês; seus espíritos frágeis, recém-chegados, dissipavam-se rapidamente. Assim, Helena logo voltaria para junto da família no vilarejo.

Já Kira não tinha mais família nem lar. O casebre que dividia com a mãe fora queimado. Era o que sempre acontecia em caso de doença. A habitação humilde, o único lugar que Kira já havia chamado de lar, não existia mais. De onde estivera sentada junto ao corpo, ela pôde ver a fumaça ao longe. Enquanto observava o espírito da mãe partir, também vira as cinzas de sua infância subirem, rodopiantes, em direção ao céu.

Tremeu levemente de medo. O temor sempre fizera parte da vida das pessoas. Por causa do medo, elas construíaam abrigos, buscavam comida e plantavam hortas. Pelo mesmo motivo, armazenavam armas, precavidas. Havia o medo do frio, da doença, da fome, das feras.

E foi o medo que a impulsionou naquele momento, apoiada em seu cajado. Ela lançou um último olhar para o corpo sem vida que um dia abrigara sua mãe e perguntou-se aonde poderia ir.



Kira pensou em reconstruir a casa. Se conseguisse ajuda, por mais improvável que isso fosse, não demoraria muito para er-

guer um casebre, especialmente naquela época do ano, início do verão, em que os galhos das árvores estavam moles e a lama era grossa e abundante à margem do rio. Já tinha visto muitas vezes outras pessoas construírem casas e achava que conseguiria edificar algum tipo de abrigo para si mesma. As quinas e a chaminé talvez não ficassem retas. O telhado seria difícil, pois sua perna ruim praticamente a impedia de subir aonde quer que fosse. Mas ela daria um jeito. Encontraria uma forma de construir um casebre. Depois, arranjaria um modo de ganhar a vida.

O irmão de sua mãe passara dois dias junto dela no Campo, não velando Katrina, mas sentado em silêncio ao lado do corpo da própria mulher, a geniosa Solora, e do bebezinho deles, que era novo demais até para ter um nome. Ela e o tio trocaram um meneio de cabeça. Porém, ele foi embora logo após cumprir seu tempo no Campo da Partida. Precisava cuidar de seus outros dois pequenos. Eles ainda eram novos, seus nomes ainda tinham apenas uma sílaba: Dan e Mar. *Talvez eu possa cuidar deles*, pensou Kira por um instante, tentando encontrar o próprio futuro dentro do vilarejo. Contudo, mesmo enquanto o pensamento ainda surgia, ela já sabia que não lhe dariam permissão. Os pequenos de Solora seriam dados, distribuídos entre aqueles que não tivessem nenhum. Pequenos saudáveis e fortes eram valiosos; se bem treinados, poderiam contribuir para as necessidades da família e seriam muito desejáveis.

Ninguém desejaria Kira. Ninguém jamais a havia desejado, a não ser sua mãe. Katrina contara várias vezes a Kira a história do seu parto – o nascimento de uma menina sem pai e com uma perna torta – e de como lutara para mantê-la viva.

– Eles vieram buscar você – sussurrou a mãe para ela certa noite, no casebre onde moravam, com o fogo bem alimentado e

brilhante. – Você tinha um dia de idade, ainda nem havia recebido o nome infantil de uma sílaba só...

– Kir.

– Isso mesmo: Kir. Eles me trouxeram comida e pretendiam levá-la embora para o Campo...

Kira estremeceu. Era a lei, a tradição e um gesto de misericórdia devolver uma criança sem nome e imperfeita à terra antes de seu espírito poder preenchê-la e torná-la humana. Mas a ideia a enchia de pavor.

Katrina acariciou os cabelos da filha.

– Eles não fizeram por mal – lembrou-lhe a mãe.

Kira assentiu.

– Não sabiam que era *eu*.

– Não *era* você, não ainda.

– Conte de novo por que não deixou que eles me levassem – sussurrou Kira.

A mãe suspirou, lembrando-se daquele dia.

– Eu sabia que não teria outra criança. Seu pai fora levado pelas feras. Fazia vários meses que ele havia saído para caçar e nunca mais voltara. Então eu não daria à luz novamente.

Ela fez uma pausa e prosseguiu:

– Bem, talvez eles tivessem me dado outra criança um dia, um órfão para eu criar. Mas quando segurei você nos meus braços... mesmo que seu espírito ainda não tivesse chegado e sua perna fosse tão torcida para o lado errado que você obviamente nunca conseguiria correr... seus olhos brilhavam. Eu pude ver o início de algo extraordinário neles. E seus dedos eram longos...

– E fortes. Minhas mãos eram fortes – acrescentou Kira, satisfeita.

Já tinha ouvido a história várias vezes; sempre que tornava a escutá-la, olhava para as próprias mãos fortes com orgulho.

A mãe riu.

– Tão fortes que agarraram meu polegar e não queriam soltar mais. Depois de sentir a gana com que você puxava meu dedo, não pude deixar que a levassem embora. Simplesmente me neguei.

– Eles ficaram irritados.

– Ficaram. Mas eu fui firme. E meu pai ainda estava vivo, é claro. Ele já era velho, tinha quatro sílabas, e fora o líder do nosso povo, o guardião-chefe, durante muito tempo. E o seu pai também teria sido um líder muito respeitado se não tivesse morrido durante a longa caçada. Já o haviam escolhido para ser guardião.

– Diga o nome do meu pai para mim – pediu Kira.

Katrina sorriu à luz do fogo.

– Christopher. Você sabe.

– Mas gosto de ouvi-lo. Gosto de ouvir você falar o nome dele.

– Quer que eu continue?

Kira fez que sim.

– Você foi firme. Insistiu – lembrou a menina.

– Mesmo assim, eles me fizeram prometer que você não se tornaria um fardo.

– Eu não me tornei, certo?

– Claro que não. Suas mãos fortes e sua inteligência compensam a perna defeituosa. Você é uma ajudante robusta e confiável no galpão de tecelagem; todas as mulheres que trabalham lá dizem isso. E a perna torta não tem nenhuma importância se levarmos em conta sua sagacidade. As histórias que você conta aos pequenos, as imagens que cria com palavras... e com as linhas! Os bordados que faz! Ninguém nunca viu nada parecido. São muito melhores do que qualquer coisa que eu poderia fazer!

– Sua mãe riu. – Chega. Não me faça bajulá-la. Lembre-se de

que você ainda é uma menina, com tendência a ser teimosa. Esta manhã mesmo, Kira, você se esqueceu de arrumar a casa, embora tenha me prometido que faria isso.

– Não me esquecerei amanhã – garantiu Kira, sonolenta, aconchegando-se junto à mãe na esteira de dormir suspensa. Ela acomodou a perna torta em uma posição mais confortável. – Prometo.



Mas agora não havia ninguém para ajudá-la. Não lhe restava nenhuma família e ela não era uma pessoa especialmente útil para o vilarejo. Seu trabalho diário era ajudar no galpão de tecelagem, catando os retalhos e sobras, mas a perna deformada diminuiu seu valor como trabalhadora e, futuramente, até como parceira.

Sim, as mulheres gostavam das histórias fantásticas que ela contava para entreter os pequenos irrequietos e admiravam seus pequenos bordados. Mas essas coisas eram distrações, não trabalho.

O sol não estava mais a pino e projetava no Campo da Partida as sombras das árvores e arbustos de espinhos que o cercavam. Passava, e muito, do meio-dia. Sua incerteza a fizera ficar mais tempo do que devia por ali. Com cuidado, reuniu as peles sobre as quais dormira durante aquelas quatro noites em que velara o espírito da mãe. Sua fogueira, agora uma mancha escura no chão, reduzira-se a cinzas frias. Seu cantil estava vazio e não havia comida alguma.

Devagar, usando o cajado, mancou em direção à trilha que conduzia de volta ao vilarejo, agarrando-se à tênue esperança de que talvez ainda fosse bem-vinda lá.

Pequenos brincavam nos limites da clareira, correndo pelo chão coberto de limo. Agulhas de pinheiros estavam presas aos

seus corpos nus e aos seus cabelos. Ela sorriu. Reconheceu cada um deles. Lá se encontrava o filho de cabelos loiros da amiga de sua mãe; ela recordava seu nascimento, havia dois solstícios de verão. E a menina cuja irmã gêmea tinha morrido, mais nova do que o loirinho, que mal sabia andar, mas ria e soltava gritinhos com os outros, brincando de pique-pega. Todos brigavam, trocando tapas e pontapés, apanhando gravetos que usavam como armas de brinquedo, brandindo os pequenos punhos. Kira lembrou-se de quando observava os amigos de infância brincarem daquele jeito, preparando-se para as lutas reais da vida adulta. Incapaz de participar por conta da perna defeituosa, ela olhava com inveja.

Uma criança mais velha, um menino de rosto sujo de 8 ou 9 anos, ainda jovem demais para a puberdade e o nome de duas sílabas que receberia, a encarou. Ele estava ocupado arrancando a vegetação rasteira e juntando feixes de galhos para uma fogueira. Kira sorriu. Era Matt, que sempre tinha sido seu amigo. Ele vivia no Brejo, um lugar pantanoso e desagradável, talvez filho de um apanhador ou coveiro. Mas andava livremente pelo vilarejo com os colegas desordeiros, sempre seguido pelo cão. Estava sempre parando, como agora, para fazer alguma tarefa ou pequeno serviço em troca de algumas moedas ou um doce. Kira gritou um cumprimento para o garoto. O cão encurvou o rabo, enroscou-se nos galhos e folhas, pisoteou o chão, e o menino sorriu em resposta.

– Então ocê já voltou do Campo – disse ele. – Como é que é lá? Ocê ficou assustada? Apareceu alguma criatura de noite?

Kira fez que não com a cabeça e sorriu. Pequenos de uma sílaba só não podiam ir ao Campo, então era natural que Matt estivesse curioso e um pouco impressionado.

– Não vi nenhuma criatura. Fiz uma fogueira, que as manteve longe.

– Quer dizer que Katrina já deu o fora do corpo dela? – perguntou o menino em seu dialeto.

As pessoas de Fen eram estranhas, diferentes. Facilmente identificadas pelo jeito esquisito de falar e pelos maus modos, eram desprezadas por quase todos. Mas não por Kira, que gostava muito de Matt.

– O espírito da minha mãe já se foi. Eu o vi deixar o corpo dela. Foi soprado para longe como uma névoa.

Matt se aproximou dela, ainda carregando galhos em seus braços arranhados e sujos. Estreitou os olhos, fazendo cara de triste, e enrugou o nariz.

– Seu barraco tá todo queimado.

Kira sabia que sua casa tinha sido destruída, embora no fundo nutrisse esperanças de que estivesse enganada.

– Sim – falou ela com um suspiro. – E as coisas que estavam dentro? Meu quadro? Queimaram meu quadro de tear?

Matt franziu a testa.

– Tentei salvar as coisas, mas queimou quase tudo. Só o seu barraco, Kira. Não foi igual quando tem doença braba. Desta vez, foi só a sua mãe mesmo.

– Eu sei.

Kira tornou a suspirar. No passado, doenças haviam se alastrado de um casebre para outro, causando muitas mortes. Quando isso acontecia, fazia-se uma grande queimada, seguida de uma reconstrução que se tornava quase festiva, com o barulho dos trabalhadores espalhando barro úmido sobre as novas estruturas de madeira e alisando-o metodicamente. O cheiro de queimado continuava no ar mesmo depois de os novos casebres já estarem de pé.

Mas naquele dia não havia festividade. Apenas os sons habituais. A morte de Katrina não trouxera nenhuma mudança para

as vidas dos habitantes do vilarejo. Ela costumava estar ali. Agora não estava mais. Vida que segue.

Ainda acompanhada de Matt, Kira parou diante do poço e encheu de água seu cantil. Ela ouvia discussões por toda parte. A cadência dos bate-bocas era uma trilha sonora constante no vilarejo: as declarações ríspidas de homens lutando por poder; as bravatas e provocações estridentes de mulheres invejosas e irritadas com os pequenos que chiavam e choramingavam aos seus pés e geralmente eram chutados para longe.

Ela protegeu os olhos com a mão para não ser ofuscada pelo sol da tarde, procurando o espaço que o próprio casebre costumava ocupar. Respirou fundo. Não seria nada fácil juntar madeira, e mais trabalhoso ainda escavar a lama da margem do rio. Além disso, as vigas eram pesadas, tornando complicada a tarefa de arrastá-las.

– Preciso começar a reconstruir minha casa. Quer me ajudar? Pode ser divertido se formos nós dois. – Após uma pausa, Kira acrescentou: – Não posso lhe pagar, mas prometo contar histórias novas.

O menino balançou a cabeça.

– Vou levar uma coça se num terminar de catar esses gravetos pra fogueira. – Matt se virou para ir embora. Após uma hesitação, voltou-se outra vez para Kira e falou baixinho: – Eu ouvi as pessoas falando. Elas não querem que ocê continue aqui. Tão planejando te expulsar agora que a sua mãe morreu. Querem te largar no Campo pras feras pegarem. Vão mandar os apanhadores te levarem pra lá.

Kira sentiu um nó no estômago, apavorada, mas tentou manter a voz calma. Precisava extrair informações de Matt, que ficaria desconfiado se soubesse que ela estava com medo.

– Quem são essas “pessoas”? – perguntou ela em um tom de voz contrariado, altivo.

– As mulheres. Ouvi elas falando lá no poço. Eu tava catando umas lascas de madeira no lixo e nem notaram que eu tava ouvindo. Mas elas querem o seu lugar. Lá onde era o seu barraco. Querem construir um cercado ali, pra deixar os pequenos e as galinhas presos e não precisar ficar correndo atrás deles o tempo todo.

Kira o encarou com um olhar firme. A tranquilidade com que aquelas mulheres podiam ser tão cruéis era aterrorizante, quase inacreditável. Por um motivo banal, iam jogá-la às feras que ficavam à espreita na floresta para suprir o Campo.

– Qual delas parecia estar mais contra mim? – perguntou ela após alguns instantes.

Matt pôs-se a refletir, revirando os galhos nas mãos. Kira notou que ele relutava em se envolver com aqueles problemas, por medo do que poderia lhe acontecer. Mas Matt sempre fora seu amigo. Por fim, olhando ao redor para se assegurar de que ninguém o ouvia, ele lhe sussurrou o nome da pessoa que Kira precisaria enfrentar:

– Vandara.

Não era nenhuma surpresa. Mesmo assim, Kira sentiu um nó no estômago.

2

Primeiro, decidiu Kira, seria melhor fingir que não sabia de nada. Ela voltaria ao antigo local do casebre em que vivia com a mãe e começaria a reconstruí-lo. Talvez o simples fato de vê-la ali trabalhando dissuadisse as mulheres que esperavam expulsá-la.

Apoiando-se no cajado, ela atravessou o vilarejo apinhado de gente. Aqui e ali, as pessoas a cumprimentavam com um breve aceno de cabeça, mas estavam todos ocupados, encarregando-se de suas tarefas diárias, e amenidades não faziam parte de seus costumes.

Ela viu o tio trabalhando com o filho, Dan, no jardim ao lado do casebre onde vivera com Solora e os pequenos. O mato tinha crescido à vontade enquanto sua esposa chegava ao fim da gravidez, dava à luz e morria. Então, mais dias se passaram e mais mato surgiu durante o tempo em que ele ficou sentado no Campo com a mulher e o filho morto.

As varas que sustentavam os feijões-trepadores haviam tombado e ele as endireitava com irritação, sendo ajudado por Dan; a caçula, uma pequena chamada Mar, estava sentada por perto, brincando com a terra. Kira viu o homem estapear Dan no ombro com força, ralhando com ele por não ter segurado a vara direito.

Ela passou por eles, fincando o cajado com força no chão a cada passo, planejando menear a cabeça em resposta se a cumpri-

mentassem. Mas a menininha que brincava com a terra apenas resmungou e cuspiu; vinha provando algumas pedrinhas, do jeito que as pequenas costumavam fazer, e acabou por colocar um punhado de cascalhos asquerosos na boca. Dan fitou Kira, mas não fez menção de cumprimentá-la nem pareceu reconhecê-la, encolhido por conta do tapa do pai. O único irmão de Katrina não desviou o olhar do que fazia.

Kira suspirou. Pelo menos ele tinha ajuda. A não ser que conseguisse convencer Matt e alguns de seus colegas, precisaria executar sozinha todo o trabalho de reconstrução e jardinagem – isso se a deixassem ficar ali.

Sua barriga roncou e ela percebeu como estava faminta. Contornando a trilha que passava por uma fileira de casebres pequenos, chegou ao próprio lote e se viu diante do monte de cinzas negras que um dia tinha sido sua casa. Não restava nada do que havia lá dentro. Mas ela ficou feliz ao ver que o pequeno espaço de jardim e horta resistira. As flores de sua mãe ainda estavam abertas e os legumes de início de verão amadureciam sob o sol. Pelo menos por ora ela ainda teria comida.

De repente, uma mulher saiu correndo das árvores próximas, olhou de relance para Kira e pôs-se a arrancar descaradamente as cenouras da horta que a menina e sua mãe haviam plantado juntas.

– Pare! Isso é meu! – Kira lançou-se para a frente o mais rápido que pôde, arrastando a perna deformada.

Rindo com desdém, a mulher se afastou sem pressa com as mãos cheias de cenouras encrostadas de terra.

Kira correu até o que restava da horta. Largou o cantil no chão, desenterrou alguns tubérculos, limpou a terra com as mãos e começou a comê-los. Como não havia nenhum caçador em sua família, ela e a mãe comiam carne esporadicamente, quando conseguiam apanhar algum animal pequeno dentro dos limites

do vilarejo. Não podiam se embrenhar na floresta para caçar como faziam os homens. O rio era abundante em peixes, fáceis de pegar, logo não sentiam necessidade de outros alimentos.

Porém, os legumes eram fundamentais. Ela tivera sorte, percebeu, porque a horta não fora totalmente saqueada durante os quatro dias no Campo.

Depois de matar a fome, sentou-se para descansar a perna e olhou ao redor. Uma pilha de ramos arrancados havia sido depositada à beira do seu terreno, perto das cinzas, como se alguém se preparasse para ajudá-la a reconstruir o casebre.

Mas Kira sabia que não era o caso. Ela se levantou e apanhou um dos ramos finos e maleáveis.

Vandara surgiu imediatamente da clareira perto dali; havia estado à espreita o tempo todo. Kira não sabia onde ela vivia ou quem poderiam ser seu marido ou filhos. Não morava em nenhum dos casebres mais próximos. Mas as pessoas sussurravam boatos a seu respeito. Ela era famosa e respeitada. Ou temida.

A mulher era alta e musculosa, com cabelos longos e enrolados, puxados grosseiramente para trás e amarrados com uma tira de couro na nuca. Seus olhos escuros e firmes dilaceravam qualquer calma que Kira pudesse sentir. Dizia-se que a cicatriz irregular que se destacava em seu queixo e prosseguia pelo pescoço até o ombro largo era o vestígio de uma batalha travada tempos antes contra uma das criaturas da floresta. Nenhuma outra pessoa jamais sobrevivera a um ferimento como aquele e a marca era um lembrete a todos da coragem e da força de Vandara, assim como da sua maldade. As crianças falavam que a mãe de uma criatura a havia atacado e ferido com suas garras ao ver que ela tentava roubar um filhote do seu covil.

Agora, diante de Kira, ela novamente se preparava para destruir o “filhote” de outra mãe.

Ao contrário da criatura da floresta, Kira não tinha garras para lutar. Ela agarrou o cajado de madeira com força e tentou retribuir o olhar da mulher sem demonstrar medo.

– Eu voltei para reconstruir minha casa.

– Já não há espaço para você aqui. Este local pertence a mim agora. Estes ramos são meus.

– Cortarei outros para mim – retrucou Kira. – Mas irei reconstruir minha casa neste espaço, que era do meu pai antes de eu nascer, e da minha mãe depois que ele morreu. Agora que ela está morta, ele é meu.

Outras mulheres saíram dos casebres ao redor.

– Nós precisamos dele – gritou uma delas. – Vamos usar os ramos para construir um cercado para os pequenos. Foi Vandara quem teve a ideia.

Kira encarou a mulher, que segurava com força o braço de uma pequena.

– Talvez seja uma boa ideia. Mas não neste terreno. Podem construir um cercado em qualquer outro lugar.

Vandara se agachou e apanhou uma pedra do tamanho do punho de um pequeno.

– Não queremos você aqui. Seu lugar não é mais no vilarejo. Você é inútil com essa perna. Sua mãe sempre a protegeu, mas agora ela está morta. Você também deveria partir. Por que simplesmente não ficou no Campo?

Kira notou que estava cercada de mulheres hostis, que observavam Vandara à espera de instruções e liderança. Várias delas seguravam pedras. Sabia que, se uma só atirasse, seria imitada pelas outras. Todas esperavam pela primeira pedra.

O que minha mãe teria feito?, pensou, apavorada, tentando evocar a sabedoria do pouquinho do espírito de sua mãe que vivia nela agora.

Ou meu pai, que nunca soube que eu nasci? O espírito dele está em mim também.

Kira empertigou os ombros e começou a falar, mantendo a voz firme.

– Vocês sabem que, quando surge um conflito no vilarejo com potencial de morte, nós devemos ir ao Conselho dos Guardiões.

Tentou olhar nos olhos de todas as mulheres, uma por uma. Algumas baixaram a vista para o chão. Isso era bom. Significava que eram fracas.

Houve um burburinho de concordância. Vandara continuava com a pedra na mão, os ombros tensos, preparados para lançá-la.

Kira olhou diretamente para Vandara, mas, ao prosseguir, também se dirigia às outras mulheres, pois necessitava de seu apoio. Apelava não à compaixão delas, pois sabia que não tinham nenhuma, mas ao seu medo.

– Lembrem que, se um conflito não for levado ao Conselho dos Guardiões e houver morte...

Mais murmúrios. “Se houve morte...”, ouviu uma mulher repetir em um tom de voz incerto, apreensivo.

Kira esperou. Manteve-se o mais empertigada possível.

Por fim, uma mulher do grupo completou as palavras da lei.

– O causador-da-morte deve morrer.

– Sim, o causador-da-morte deve morrer – repetiram outras vozes.

Uma a uma, elas largaram as pedras. Kira se permitiu relaxar um pouco e ficou à espera. Observando.

Apenas Vandara ainda carregava sua arma. Fulminando-a com os olhos, a ameaçou, flexionando o braço como se fosse atirar a pedra. Mas acabou jogando-a de forma inofensiva no chão, na direção de Kira.

– Então eu vou levá-la ao Conselho dos Guardiões – anunciou para as mulheres. – Estou disposta a ser a acusadora. Que *eles* a expulsem. – Ela soltou uma risada perversa. – Não há necessidade de desperdiçarmos uma vida para nos livrarmos dela. Ao pôr do sol de amanhã, este terreno será nosso e ela não estará mais aqui. Estará no Campo, à espera das feras.

Todas as mulheres olharam em direção à floresta, àquela altura já mergulhada nas sombras. Kira forçou-se a não imitá-las.

Com a mesma mão que havia segurado a pedra, Vandara acariciou a cicatriz no pescoço. Ela abriu um sorriso cruel.

– Ainda me lembro como foi ver meu próprio sangue sendo derramado no chão. Eu sobrevivi. Sobrevivi porque sou forte. Ao cair da noite de amanhã, quando ela sentir as garras no seu pescoço, este equívoco de duas sílabas em forma de garota irá desejar ter morrido doente como a mãe.

Assentindo, as mulheres deram as costas para Kira e se afastaram, enchendo de broncas e pontapés os pequenos que as acompanhavam. O sol já estava baixo no céu. Elas iriam cuidar dos afazeres do fim do dia, preparando-se para o retorno dos homens do vilarejo, que precisariam de comida, fogo e cuidados com seus ferimentos.

Uma mulher estava prestes a dar à luz, talvez naquela noite mesmo. As outras tratariam dela, abafando seus gritos e estimando o valor da criança. Outros acasalariam, gerando pessoas, novos caçadores para substituir os mais velhos, que morriam por conta de feridas, doença ou velhice.

Kira não sabia o que o Conselho dos Guardiões iria decidir. Sabia apenas que, se ficasse ou partisse, se reconstruísse sua morada ou tivesse de ir para o Campo, estaria sozinha. Exaurida, sentou-se na terra escurecida pelas cinzas para esperar a noite.

Apanhou um pedaço de madeira e o girou nas mãos, avaliando sua solidez e retidão. Para erguer um casebre, precisaria de ripas firmes e resistentes. Iria até Martin, o marceneiro, que tinha sido amigo de sua mãe. Poderia negociar com ele, talvez propor decorar um tecido para sua mulher em troca das madeiras de que precisaria.

Para o trabalho que acreditava poder fazer para ganhar a vida, também precisaria de alguns pedaços de madeira pequenos e retos. Aquele ali era muito flexível, não serviria, por isso o largou no chão. No dia seguinte, se a decisão do Conselho fosse favorável a ela, Kira iria procurar o tipo de madeira de que precisava: pedaços curtos e lisos cujas pontas pudesse encaixar umas às outras. Já planejava construir um novo quadro de tear.

Kira sempre tinha sido habilidosa com as mãos. Quando ainda era pequena, a mãe lhe ensinara a usar uma agulha, a passá-la através de um tecido e criar um padrão com fios coloridos. Mas, nos últimos tempos, isso havia se tornado mais do que uma mera habilidade. Em um extraordinário arroubo de criatividade, seu talento fora muito além dos ensinamentos maternos. Agora, sem nenhuma instrução ou prática, e sem hesitar, seus dedos instintivamente entrelaçavam, cerziam e tramavam os fios para criar desenhos exuberantes, verdadeiras explosões de cores. Ela não entendia como tinha adquirido aquele conhecimento. Mas ele estava ali, na ponta dos dedos que agora tremiam um pouco, ansiosos por começar. Se ao menos lhe fosse permitido ficar ali...

3

Um mensageiro, entediado e coçando uma picada de inseto no pescoço, veio até Kira ao raiar do dia e lhe informou que ela deveria se apresentar ao Conselho dos Guardiões no fim da manhã. Perto do meio-dia, ela se aprontou e pôs-se a caminho.

O Edifício do Conselho era surpreendentemente majestoso. Ele era remanescente do período anterior à Ruína, uma época tão remota em que nenhuma das pessoas vivas agora, ou mesmo seus pais ou avós, havia nascido. A Ruína era conhecida apenas por conta do Hino entoado durante a Congregação anual.

Dizia-se que o Cantor, cuja única função no vilarejo era realizar a apresentação anual do Hino, preparava sua voz fazendo um repouso de vários dias e bebendo certos óleos. O Hino da Ruína era longo e extenuante. Começava com o início dos tempos, contando toda a história das pessoas ao longo de incontáveis séculos. O passado era assustador, repleto de guerras e calamidades. A parte mais aterrorizante era a da Ruína, o fim da civilização dos ancestrais. Os versos falavam de gases fumacentos e venenosos, de grandes rachaduras na terra, de desabamentos de grandes edifícios, varridos pelos mares. Todos eram obrigados a ouvi-lo anualmente, mas às vezes as mães tapavam, protetoras, os ouvidos de seus pequenos durante a descrição da Ruína.

Muito pouco sobrevivera à Ruína, mas a estrutura chamada de Edifício do Conselho permanecera firme de pé. Incalcu-

lavelmente antigo, tinha várias janelas com vitrais em padrões vermelho-escuros e dourados, algo impressionante, pois havia muito tempo o conhecimento para fabricar vidros daquele tipo se perdera. Algumas janelas quebradas estavam tapadas com um vidro grosso e comum, que distorcia a vista por conta de suas bolhas e ondulações. Outras eram fechadas por ripas de madeira, mergulhando certas partes do interior do prédio em um breu. Mesmo assim, o Edifício era magnífico em comparação aos barracos e casebres ordinários do vilarejo.

Kira apresentou-se ao meio-dia, conforme lhe fora ordenado, e agora atravessava sozinha um longo corredor iluminado de ambos os lados pelas chamas crepitantes de compridos candeieiros a óleo. Conseguia ouvir a assembleia reunida mais à frente, atrás de uma porta fechada: vozes masculinas abafadas, envolvidas em uma discussão. Seu cajado batia contra o chão de madeira e a perna defeituosa raspava as tábuas, soando como uma vassoura.

“Orgulhe-se de sua dor”, sua mãe sempre lhe dizia. “Você é mais forte do que aqueles que não sentem dor alguma.”

Tentou encontrar o orgulho que sua mãe lhe ensinara a sentir. Empertigou os ombros magros e alisou as dobras do vestido grosseiro. Havia se lavado meticulosamente nas águas límpidas do rio e limpado as unhas com um graveto afiado. Penteara os cabelos com o pente de madeira talhada que tinha pertencido à mãe, acrescentado ao pequeno saco de utensílios após a morte dela. Por fim, entrelaçara suas mechas negras e grossas com destreza, amarrando a ponta da trança com uma tira de couro.

Respirando fundo para se acalmar, Kira bateu à porta pesada da sala da assembleia do Conselho dos Guardiões, que se entreabriu, espalhando uma nesga de luz pela penumbra do corredor. Um homem olhou para fora, fitando-a com desconfiança. Então, escancarou a porta e a chamou para entrar com um gesto.

– Kira, a órfã acusada, está aqui! – anunciou o guarda, fazendo o burburinho desaparecer.

Em silêncio, todos se viraram para vê-la entrar.

A câmara era imensa. Kira já havia estado ali antes com a mãe, durante eventos cerimoniais como a Congregação. Na ocasião, elas tinham se sentado com o restante da plateia em fileiras de bancos, de frente para o palco contendo apenas um altar que sustentava o Objeto de Adoração: o misterioso artefato de madeira composto de dois paus formando uma cruz. Dizia-se que ele fora muito poderoso no passado e que as pessoas sempre faziam uma breve e humilde reverência diante dele.

Mas agora ela estava sozinha. Não havia plateia ou cidadãos comuns, apenas o Conselho: doze homens que a encaravam sentados ao longo de uma extensa mesa à beira do palco. Fileiras de lamparinas a óleo iluminavam o recinto e cada um dos guardiões tinha uma tocha atrás de si, que lançava luz sobre os papéis empilhados e espalhados sobre a mesa. Eles a observaram enquanto ela se aproximava, hesitante, pelo corredor central.

Rapidamente, lembrando-se do procedimento que vira em todas as cerimônias, Kira colocou as mãos em uma posição reverente, unindo-as e posicionando as pontas dos dedos debaixo do queixo ao chegar diante da mesa, olhando com uma expressão respeitosa para o Objeto de Adoração. Os guardiões assentiram, aprovando o gesto. Pelo jeito, tinha sido a coisa certa a fazer. Ela relaxou um pouco, esperando, perguntando-se o que aconteceria em seguida.

O guarda atendeu a uma segunda batida à porta.

– A acusadora, Vandara! – anunciou ele.

Kira observou Vandara se encaminhar a passos rápidos em direção à mesa até as duas estarem lado a lado, diante do Conselho. Ficou um pouco satisfeita ao notar que os pés da mulher

estavam descalços e seu rosto, sujo; ela não havia feito nenhuma preparação especial. Talvez não fosse mesmo necessário. Mas Kira achava que tinha conquistado um pouco de respeito, uma ligeira vantagem, com seu asseio.

Vandara fez o gesto de adoração com as mãos. Quanto a isso, estavam quites. Então, a mulher fez uma reverência e Kira viu com uma pontada de preocupação que os guardiões menearam suas cabeças para ela.

Eu deveria ter feito uma reverência. Preciso encontrar uma brecha para fazer isso.

– Estamos aqui reunidos para julgar um conflito – falou com uma voz autoritária o guardião-chefe, um homem de cabelos brancos com um nome de quatro sílabas que Kira nunca conseguiria lembrar.

Não entrei em conflito nenhum. Eu só queria reconstruir minha casa e viver minha vida.

– Quem é a acusadora? – indagou o homem.

Era óbvio que ele sabia a resposta, pensou Kira. Mas a pergunta parecia cerimonial, parte dos procedimentos formais, e foi respondida por um guardião corpulento, sentado à ponta da mesa diante de vários livros grossos e uma pilha de papéis. Kira fitou os volumes, curiosa. Sempre tivera vontade de ler. Mas não era permitido às mulheres.

– Guardião-chefe, o nome da acusadora é Vandara.

– E da acusada?

– A acusada é a órfã Kira.

O homem olhou para os papéis, mas não pareceu ler nada.

Acusada? Do que estou sendo acusada? Kira sentiu-se invadida pelo pânico ao pensar na palavra. *Mas posso usar esta oportunidade para fazer uma reverência e demonstrar humildade.* Ela inclinou-se ligeiramente, reconhecendo ser a acusada.

O homem de cabelos brancos olhou para as duas com uma expressão fria. Apoiando-se no cajado, Kira tentou manter-se o mais ereta possível. Era quase tão alta quanto a acusadora, porém Vandara era mais velha, mais pesada e perfeita, exceto pela cicatriz – o lembrete de que ela havia lutado contra uma fera e escapado. Por mais horrorosa que fosse, a marca reafirmava sua força. O defeito de Kira não remetia a nenhuma história louvável e ela sentiu-se fraca, inepta e condenada ao lado da mulher desfigurada e colérica.

– A acusadora será a primeira a falar – instruiu o guardião-chefe.

A voz de Vandara soou firme e amarga:

– A garota deveria ter sido levada para o Campo quando nasceu e ainda não tinha nome. É a lei.

– Prossiga.

– Ela era imperfeita. E também órfã de pai. Não deveria ter sido poupada.

Mas eu era forte. E meus olhos eram brilhantes. Foi o que minha mãe me disse. Ela se recusou a me abandonar. Kira apoiou o peso do seu corpo no outro pé, dando um descanso para a perna deformada, lembrando-se da história do seu nascimento e perguntando a si mesma se teria chance de contá-la ali. *Eu segurei o polegar dela com tanta força...*

– Há anos todos toleramos a presença dela – continuou Vandara. – Mas ela não fez nenhuma contribuição. Não pode cavar, plantar ou semear, ou mesmo cuidar dos animais domésticos, como fazem as outras garotas da sua idade. Arrasta essa perna morta como um fardo inútil. É lenta e come demais.

O Conselho escutava com atenção. O rosto de Kira ficou vermelho de vergonha. Era verdade, ela comia demais. Era *tudo* verdade.

Posso tentar comer menos. Posso suportar a fome. Kira começou a preparar sua defesa, mas pressentia que ela seria fraca e lamuriosa.

– Ela foi poupada, contra as regras, porque o avô ainda era vivo e tinha poder. Mas ele já morreu há tempos e foi substituído por um novo líder *mais* poderoso e sábio...

A adulação de Vandara tinha o objetivo de fortalecer os argumentos e Kira fitou o guardião-chefe para ver se aquilo surtira efeito. Mas o rosto do homem continuava impassível.

– O pai foi morto pelas feras antes mesmo de ela nascer. E agora a mãe também está morta – prosseguiu a acusadora. – Temos todos os motivos para crer que sua mãe possa ter sido portadora de uma doença que colocará em risco os outros habitantes do vilarejo...

Não! Ela foi a única a ficar doente! Olhem para mim! Eu estava deitada ao seu lado quando ela morreu e estou saudável!

– ... e as mulheres precisam do espaço do antigo casebre delas. Não há lugar para esta garota inútil. Ela não pode se casar. Ninguém vai querer uma aleijada. Ela é um desperdício de espaço e de comida e atrapalha o disciplinamento dos pequenos ao lhes contar histórias e ensinar brincadeiras barulhentas que prejudicam o trabalho...

O guardião-chefe acenou com a mão.

– Basta – anunciou ele.

Vandara fechou a cara e caiu em silêncio, fazendo uma leve reverência.

O homem correu os olhos pela mesa, perscrutando os outros onze como se buscasse comentários ou perguntas. Um a um, eles lhe assentiram. Ninguém falou nada.

– Kira – falou o guardião-chefe –, por ser uma garota de duas sílabas, você não é obrigada a se defender.

– Não me defender? Mas...

Kira tinha planejado se inclinar de novo, mas, de tão aflita, deixara passar a oportunidade adequada. Quando se lembrou, acabou fazendo uma mesura desajeitada e apressada.

Ele tornou a acenar, mandando-a fazer silêncio. Ela se forçou a ficar quieta e ouvir.

– Por ser tão jovem, você tem uma escolha. Pode defender-se por conta própria...

– Isso! Eu quero me def...

– ... ou iremos indicar alguém para defendê-la. O seu defensor será um de nós, que usaremos nossa maior sabedoria e experiência. Reflita um pouco antes de decidir, Kira, pois sua vida pode depender disso.

Mas vocês nem me conhecem! Como podem contar a história do meu nascimento? Como podem descrever meus olhos brilhantes, a força da minha mão quando agarrei o polegar da minha mãe?

Kira ficou ali, desamparada, seu futuro em jogo. Sentia a hostilidade que emanava ao seu lado; a respiração de Vandara estava rápida e irritada. Ela olhou para os homens sentados ao redor da mesa, tentando avaliar qual poderia ser o defensor. Mas não lhe pareceu haver inimizade nem sequer muito interesse por parte deles, apenas um ar de expectativa.

Angustiada, Kira enfiou as mãos nos bolsos fundos do vestido. Sentiu os contornos familiares do pente de madeira da mãe e o alisou para se tranquilizar. Com o polegar, tateou um pequeno bordado quadrangular. Havia se esquecido daquele pedaço de tecido em meio à confusão dos últimos dias; agora, ao tocá-lo, lembrou como aquele padrão tinha se formado espontaneamente, sem que suas mãos percebessem, enquanto ela estava ao lado da mãe nos seus últimos dias de vida.

Quando Kira era bem mais nova, o conhecimento lhe viera de forma muito inesperada. Ela se recordava da expressão de espanto no rosto de Katrina ao ver a filha escolher e trançar os fios com uma segurança repentina.

– Nunca lhe ensinei isso! – exclamou a mãe, rindo com alegria e espanto. – Nem saberia como!

Kira também não sabia como. Havia acontecido de forma quase mágica, como se os fios tivessem cantado ou falado com ela. Desde então, o conhecimento só progredira.

A menina segurou o tecido, lembrando-se da confiança que antes a inspirava. Não sentia nem um pinga dela agora. Não conseguia encontrar dentro de si um discurso de defesa. Sabia que precisaria delegar essa função a um daqueles homens, que lhe eram todos estranhos.

Kira os fitou, assustada, e viu que um dos guardiões lhe retribuía o olhar com uma expressão calma, tranquilizadora. Kira pressentiu como ele podia lhe ser importante. E ainda algo mais: sagacidade, experiência. Ela respirou fundo. O tecido bordado era quente e familiar ao toque. Estava tremendo, mas sua voz soou resoluta:

– Peço que me indiquem um defensor.

O guardião-chefe assentiu.

– Jamison – chamou ele com firmeza, meneando a cabeça para o terceiro guardião à sua esquerda.

O homem de olhos serenos e atenciosos levantou-se para defender Kira. Ela aguardou.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br